

# A PRODUÇÃO SOCIOLÓGICA DE FLORESTAN FERNANDES E SUAS INTERFACES COM A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Débora Mazza\*

.....

## FLORESTAN FERNANDES' SOCIOLOGICAL PRODUCTION AND ITS INTERFACES WITH THE SOCIOLOGY OF EDUCATION

### RESUMO

O trabalho tomou como objeto de análise a produção sociológica de Florestan Fernandes nas décadas de 40 a 60, especialmente de 1941 a 1964, tendo em vista destacar as incursões do autor na problemática educacional. O texto foi sendo construído de modo a sugerir que a educação esteve presente em diferentes momentos dos escritos do autor, assumindo conotações variadas e configurando um rico acervo no campo da Sociologia da Educação. Tomo como possibilidade a apreensão da contribuição sociológica de Florestan Fernandes, vinculando-a como pertencente, também, ao campo da Sociologia da Educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Florestan Fernandes, Sociologia, Educação

### ABSTRACT

The analysis object of this paper is Florestan Fernandes' sociological production in the forties and sixties, specially from 1941 to 1964, showing his incursions to the educational problematic. The text has been built in a way that it suggests the education was present in the author's work in different moments, taking on several meanings and forming a rich asset to the Education Sociology field.

I take the possibility of apprehension of Florestan Fernandes' sociological contribution, linking it also as belonging to the Education Sociology field.

**KEY WORDS:** Sociology, Florestan Fernandes, Education

---

\* Professora Doutora da Área de Sociologia / Departamento de Educação / Instituto de Biociências / UNESP - Rio Claro - SP

Este artigo tomou como objeto de trabalho a produção sociológica de Florestan Fernandes nas décadas de 40 a 60, especialmente de 1941 a 1964, objetivando destacar as incursões do autor na problemática educacional. O texto foi sendo construído de modo a sugerir que o empenho de Florestan na utilização dos instrumentais teórico-metodológicos da Sociologia para a compreensão do dilema educacional brasileiro não foi pontual e nem casual. A educação esteve presente em diferentes momentos de seu trabalho assumindo conotações variadas e configurando um rico acervo no campo da Sociologia da Educação. Tentei apreender a contribuição sociológica de Florestan vinculando-a à problemática educacional e evocando-a como pertencente ao campo da Sociologia da Educação.

### I. UM PENSAR SOCIOLÓGICO QUE ATENTOU PARA A PROBLEMÁTICA EDUCACIONAL

Há cerca de cinco anos venho trabalhando com a obra de Florestan Fernandes produzida no período de 1941 a 1964. Recortei esse período por considerá-lo significativo na ampliação dos espaços de participação democrática no país, na consolidação de um padrão de profissionalização acadêmico-institucional

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e na formação e contribuição teórica do autor no campo das Ciências Sociais no Brasil.

Em trabalho anterior<sup>1</sup>, explorei a produção de Florestan Fernandes como pertencente a uma geração: a geração de intelectuais que transitava na cidade de São Paulo e participava da vida universitária. Florestan, certa vez, sugeriu que a geração de intelectuais paulistas nas décadas de 40 a 60 tinha uma *obsessão* que não ficava restrita ao campo da erudição intelectualista, mas estendia-se para a política: “era uma obsessão política que nascia da cultura e gravitava dentro dela, irradiando-se para os problemas da época e os dilemas da sociedade brasileira”<sup>2</sup>.

Considerarei que as circunstâncias que envolveram essas décadas possibilitaram uma feliz conciliação entre o pensar sociológico e a participação nas esferas da cultura, em geral, e da educação, em particular.

Após analisar os trabalhos produzidos pelo autor no período considerado, os diferentes impulsos que motivaram a sua produção e as temáticas por ele

<sup>1</sup> MAZZA. *A produção sociológica de Florestan Fernandes e a problemática educacional: uma leitura (1941-1964)*, p.232.

<sup>2</sup> FERNANDES. *A geração perdida*.

exploradas, julguei possível organizar sua obra em dois grandes períodos. O primeiro período cobriria os anos de 1941 a 1953 e corresponderia ao momento dedicado, prioritariamente, à sua formação acadêmica: graduação, mestrado, doutorado e livre docência. O segundo período abarcaria os anos de 1954 a 1964 e se caracterizaria pelo reconhecimento e respeitabilidade por ele alcançados no interior da instituição universitária, transformando a Cadeira de Sociologia I num espaço que possibilitou a articulação de projetos de pesquisa coletivos.

A FORMAÇÃO ACADÊMICA:  
A BUSCA DO RECORTE  
TÍPICAMENTE SOCIOLÓGICO

No período de 1941 a 1943, Florestan fez o bacharelado e, em 1946, a licenciatura em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Os textos daquele período foram produzidos, principalmente, como trabalhos de aproveitamento de cursos exigidos pelos professores das diversas disciplinas<sup>3</sup>. Naqueles textos, já era possível apontar a atenção dedicada pelo autor aos processos educativos em decorrência do referencial teórico-metodológico por ele adotado no desenvolvimento das pesquisas sociológicas.

Dentre os trabalhos de graduação o que conferiu a Florestan um certo destaque foi a monografia “O folclore paulistano”, realizada para a Cadeira de Sociologia I, que ficava a cargo do professor Roger Bastide. Para a realização dessa monografia, Florestan coletou uma documentação empírica sobre as condições e efeitos sociais das manifestações folclóricas em alguns bairros de São Paulo e utilizou-as, em diferentes momentos de sua carreira, para interpretar sociologicamente vários aspectos ligados ao folclore paulistano<sup>4</sup>. Florestan entendeu que o conjunto de práticas sociais motivadas pelo repertório folclórico criava padrões de interação, de socialização em todas as classes sociais e que portanto, essas práticas se constituíam num campo proporcionador de análises sociológicas. Com parte deste trabalho, “As trocinhas do Bom Retiro”, Florestan concorreu, em 1944, ao concurso *Temas Brasileiros*, instituído pelo Grêmio da Faculdade, e ganhou o prêmio relativo à seção de Ciências Sociais. Nesse texto o autor observou as práticas folclóricas das “trocinhas infantis”, entendendo-as como

<sup>3</sup> Exceção seja feita à tradução de *A crítica da economia política*, de Marx, acompanhada do Prefácio redigido por Florestan Fernandes, e publicado em 1946 pela Editora Flama. Esse trabalho foi realizado em decorrência de sua então militância no grupo trotskista.

<sup>4</sup> Grande parte desse material foi condensada no livro de Florestan Fernandes, *Folclore e mudança social*.

processos de educação informal que asseguravam a socialização da criança no mundo adulto através da transmissão de experiências, conhecimentos e padrões de comportamentos aos imaturos pelo intercâmbio cotidiano e pelas interações espontâneas das crianças. Florestan apropriou-se do conceito durkheimiano de educação, sugerindo que o folclore desenvolveria no indivíduo o *ser social* propondo às crianças modos de ver, de sentir, de agir, que não aprenderiam espontaneamente. Os traços assimilados nas brincadeiras seriam idéias, representações elaboradas na sociedade e que teriam uma certa correspondência com a vida social das pessoas adultas.

De 1945 a 1947 Florestan cursou o mestrado na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, onde apresentou como tese a pesquisa sobre "A organização social dos Tupinambá"<sup>5</sup>. Nela o autor traçou o quadro da distribuição espacial dos Tupinambá no território brasileiro, dos entrecosques que culminaram em seu padrão de cultura e definiram sua concepção de natureza humana. Florestan perseguiu o padrão de coexistência adotando uma visão mannheimiana segundo a qual a sociedade possuiria mecanismos especiais por meio dos quais promoveria a adaptação dos indivíduos ao meio natural que o cerca e desenvolveria ajustamentos recíprocos de atividades e pessoas.

Preocupado em relacionar os padrões de comportamento e os valores sociais com a conduta e ação recíproca dos Tupinambá, Florestan observou a educação entendendo-a como processo de mobilização que supriria necessidades socioculturais e psico-biológicas. Pela educação, a sociedade Tupinambá modelaria o *ser social*, produzindo comportamentos que garantiriam a sobrevivência grupal, respeitando e aproveitando as peculiaridades individuais.

Entre 1947-1951 Florestan realizou o doutorado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e apresentou à II Cadeira de Sociologia a monografia "A função social da guerra na Sociedade Tupinambá"<sup>6</sup>, onde a guerra foi apresentada como *técnica*, como elemento do sistema tecnológico Tupinambá. O autor relacionou a guerra à dinâmica daquela sociedade, fazendo dela um meio para preencher necessidades sociais.

O termo *função* foi utilizado de maneira a exprimir as diversas modalidades da relação da guerra com a satisfação das necessidades sociais proporcionadas pelas condições de

<sup>5</sup> FERNANDES. *A Organização Social dos Tupinambá*.

<sup>6</sup> FERNANDES. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*.

existência social dos Tupinambá. O autor aplicou o método de interpretação funcionalista numa análise sincrônica, em razão da natureza da documentação utilizada, e realizou um exame crítico do conteúdo etnográfico dos textos, preocupando-se em explicar as condições e os fatores sociais que ligavam a guerra com o desequilíbrio e o restabelecimento do equilíbrio do sistema de relações Tupinambá. A guerra foi apresentada como um fenômeno humano, como um *fato social* que desempenhava funções educativas, em razão de existir como uma das instituições sociais incorporadas às sociedades constituídas.

Ainda em 1951, Florestan, aproveitando-se dos dados coligidos sobre a sociedade Tupinambá, produziu o texto "Notas sobre a Educação na Sociedade Tupinambá"<sup>7</sup>, onde caracterizou os processos educativos que recobriam a ordem tribal de formação societária, tradicionalista, sagrada e fechada. Ele apoiou-se na visão mannheimiana definindo a educação como *técnica social* e passou a considerá-la como um conjunto de práticas que se articulava às diferentes instituições, às necessidades socioculturais e ao ritmo de vida das diferentes organizações societárias. A educação passou a ser encarada como *técnica social* utilizada igualmente por diferentes padrões de organização social, variando

apenas em suas finalidades. O foco da educação seria determinado por uma variante derivada da ordem social estabelecida.

Com esse estudo, Florestan pretendeu mostrar que, da mesma forma que a educação era utilizada de modo eficaz numa sociedade fechada, tradicional e sagrada, ela poderia ser explorada, como técnica social construtiva, numa sociedade aberta em processo constante de mudança. Ele explorava as possibilidades de uma sociedade conseguir mobilizar e aplicar os recursos educacionais disponíveis, tendo em vista os padrões da ordem social democrática igualitária.

Em 1953 Florestan tornou-se Livre-Docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo com o "Ensaio sobre o método de investigação funcionalista na Sociologia"<sup>8</sup>. Esse texto apresentou o método funcionalista como instrumentalizando o desenvolvimento da Sociologia enquanto ciência empírico-indutiva, na medida em que preconizava o estudo sobre a realidade social definindo a seleção, a exploração dos problemas sociológicos e

<sup>7</sup> FERNANDES. Notas sobre a educação na sociedade Tupinambá.

<sup>8</sup> FERNANDES. O Método de Interpretação Funcionalista na Sociologia.

a fixação dos limites do horizonte intelectual do sujeito investigador. Florestan fez uma análise histórico-crítica do progresso alcançado por esse método de interpretação, considerando-o como o principal representante da Sociologia moderna na orientação empírico-indutiva.

Nesse texto, Florestan fez um balanço de sua produção anterior, assumindo que, desde os seus primeiros trabalhos sobre o folclore, e depois sobre os Tupinambá, ele havia lidado com problemas sociológicos cuja análise dependia do recurso em termos de função, ou seja, implicava na constituição de um conhecimento das condições reais em que os fenômenos sociais se manifestavam, as suas causas antecedentes, e das funções sociais que eles preenchiam. O autor sugeriu que o método estrutural-funcional apresentou-se como recorte de análise priorizado, por meio do qual canalizou as temáticas de pesquisas, selecionou os fenômenos sociais merecedores de análise sociológica e conferiu destaques a determinados aspectos da realidade social pesquisada. Dentro da moldura estrutural funcional, a educação foi realçada ora como parte dos processos de socialização que incorporavam os imaturos no legado cultural do grupo, ora como técnica social inserida no conjunto das práticas coletivas, utilizada racionalmente como componente

derivado da ordem social estabelecida. Como processo de socialização Florestan destacou, nas práticas educativas, os padrões de coexistência por elas alcançados, ou seja, o processo formador do ser social no ser individual. Como técnica social, o autor vislumbrou a possibilidade de elas servirem como fatores de intervenção racional, tendo em vista não apenas a conservação da ordem social existente, mas a construção da ordem social igualitária.

#### A FORMAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA: O BRASIL COMO O LABORATÓRIO SOCIOLÓGICO

O ano de 1954 pode ser considerado como demarcador de uma nova fase na vida profissional de Florestan. Ele já havia conquistado a Livre-Docência, era professor da Cadeira de Sociologia I da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e, em colaboração com alguns alunos, dedicou-se à organização de um grupo de pesquisa que pretendia funcionar em linha de cooperação segundo a lógica de pequenos grupos, desenvolvendo projetos de investigação, programas de ensino, atividades extra-acadêmicas, etc. Esse grupo contou com a participação de vários elementos da Faculdade e trabalhou ligado a Florestan Fernandes no

período de 1954 a 1969, encaminhando projetos de pesquisas comuns abrangendo temas referentes às relações raciais no Brasil, à empresa industrial em São Paulo e à análise sociológica do desenvolvimento no Brasil<sup>9</sup>.

Não temos condições de explorar, nos limites deste artigo, os processos sociais, políticos, econômicos e culturais que caracterizaram a sociedade brasileira nos anos 50, mas gostaríamos de salientar que foi um período que favoreceu a participação dos intelectuais em vários movimentos de reconstrução nacional. Florestan diz:

Alimentávamos a ambição de criar e generalizar um elevado padrão de pesquisa e de elaboração técnica, o que nos levou a escolher o Brasil como laboratório de nossas pesquisas. Gostássemos ou não, era o Brasil que se impunha como o centro das nossas cogitações<sup>10</sup>.

Essa mudança de perspectiva no horizonte dos cientistas sociais repercutiu nos trabalhos de Florestan Fernandes. Sua atenção, a partir de meados da década de 50, vai se distanciando dos estudos histórico-sociológicos descritivos das formas de organização e funcionamento de comunidades e grupos da sociedade brasileira; distancia-se, também, dos estudos dos modelos de explicação

sociológica que abordavam as técnicas de investigação empíricas, as técnicas lógicas de interpretação, e, através delas, a construção da teoria e dos problemas relacionados com a definição do objeto da Sociologia e da sua divisão em áreas fundamentais. Ele passou a priorizar os temas e os problemas da atualidade.

O período de 1954 a 1964 marcou uma viragem no modo individual em que Florestan havia até então desenvolvido suas pesquisas e nas temáticas abordadas<sup>11</sup>. Dentre os inúmeros projetos de trabalho desenvolvidos, destacarei apenas três: a pesquisa sobre as relações raciais no Brasil, os Ensaios de Sociologia Geral e Aplicada e a participação na Campanha em Defesa da Escola Pública.

Em 1951, Florestan havia iniciado, juntamente com Roger Bastide, uma pesquisa financiada pela UNESCO, sobre relações raciais em São Paulo. Segundo o autor:

<sup>9</sup> Maiores informações sobre os projetos desenvolvidos e os pesquisadores que participaram do grupo vide MAZZA. *Produção sociológica de Florestan Fernandes e a problemática educacional: uma leitura (1941-1964)*, p.66-67.

<sup>10</sup> FERNANDES. Sobre o trabalho teórico.

<sup>11</sup> Maiores detalhes vide MAZZA. *A produção sociológica de Florestan Fernandes e a problemática educacional: uma leitura (1942-1964)*.

Aquela foi a maior pesquisa que participei... e a maior contribuição empírica que logrei dar ao conhecimento sociológico da sociedade brasileira... Através do índio ficara conhecendo o Brasil dos séculos XVI e XVII; através do negro teria de estudar a fundo o Brasil dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX. Pus o pensamento sociológico no âmago da sociedade colonial, imperial e republicana, o que apresentou uma enorme vantagem em termos de aprendizagem e possibilidades de comparativamente e historicamente lidar com os problemas de estratificação social e de evoluções de estruturas sociais<sup>12</sup>.

A visão de Florestan sobre a constituição da sociedade brasileira e as possibilidades de mobilizar mudanças rumo à constituição do ideal de sociedade burguesa ganha um novo enfoque com base nessa pesquisa.

Em 1954, com a autorização de Roger Bastide, Florestan re-explorou individualmente os dados colhidos por ambos na pesquisa e ampliou as questões abordadas e o campo pesquisado. Através do grupo de pesquisa ligado à Cadeira de Sociologia I, foi possível investigar as relações raciais em outras regiões do Brasil<sup>13</sup>, apontando para as peculiaridades da sociedade brasileira no processo de

transição do regime escravocrata para o regime de classes sociais.

Florestan foi apontando em sua análise a desagregação do regime escravocrata e do abolicionismo como sendo uma revolução do branco pelo branco, ou seja, condicionada pela implantação do capitalismo nas cidades e sua irradiação para o campo, pela universalização do trabalho livre, pela consolidação da hegemonia da economia urbana e pelo início da industrialização. Nesse sentido, ele deu relevo à necessidade de brancos e negros se reeducarem através dos espaços formais e informais de interação social, considerando que a expansão capitalista era um dado, e não uma possibilidade, que reclamava novos padrões de relacionamento inter-étnico. Ele diz:

tanto os brancos quanto os negros precisam ser reeducados para conviverem de modo construtivo no mundo que está surgindo da nova ordem social igualitária implantada com a Abolição e com a República<sup>14</sup>.

<sup>12</sup> FERNANDES. Sobre o trabalho teórico, p.51.

<sup>13</sup> Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni e Renato Jardim Moreira realizaram a pesquisa sobre as relações raciais no Brasil meridional levantando dados que foram utilizados por Florestan Fernandes numa análise comparada.

<sup>14</sup> BASTIDE; FERNANDES. *Branços e negros em São Paulo*, p.12.



Na integração do negro na sociedade de classes<sup>15</sup>, Florestan apontou para o dilema racial brasileiro como um dilema originado na sociedade de classes com tendências industriais e urbana que criava impasses típicos no processo de exploração do trabalho. Esses impasses, segundo o autor, não eram passíveis de serem solucionados naturalmente pelo desenvolvimento da sociedade moderna, ou por mecanismos de ajustamentos econômicos, mas sim por decisões de alcance político. Florestan sugeriu que os desajustamentos raciais deveriam ser entendidos e associados ao quadro dos desajustamentos étnicos e de classe, considerando que suas origens estariam no padrão de organização da ordem social. Era necessário atentar para os processos de socialização que caracterizavam a integração do negro na sociedade de classes tendo em vista elucidar a emergência e a peculiaridade da nossa sociedade de classes em pleno processo de consolidação.

Esse trabalho teve maiores conseqüências na produção de Florestan, pois despertou nele a possibilidade de relacionar a formação e o desenvolvimento da sociedade brasileira a partir da sociologia do subdesenvolvimento e da dependência, e não apenas referendado nos modelos clássicos de constituição da sociedade burguesa.

A partir de 1955, é possível apontar, em vários textos de Florestan<sup>16</sup>, a sugestão de exploração da educação como um campo estratégico de investimento através do qual se processaria os processos de mudança e desenvolvimento da sociedade brasileira.

Nos anos de 1956 a 1959 o autor sistematizou os Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada<sup>17</sup> onde reclamou alvos empíricos, teóricos e práticos à investigação sociológica. Para ele, a Sociologia Aplicada teria como tarefa específica

produzir construções teóricas que estendam a nossa capacidade de percepção e de explicação do mundo social ambiente às condições nas quais os homens tentam alterar, deliberadamente em escala social, a operação e os efeitos de forças psico-sociais ou socioculturais<sup>18</sup>.

Isso exigiria uma Sociologia que, ao mesmo tempo, se concentrasse nos problemas sociais e construísse esquemas de intervenção racional na realidade social.

<sup>15</sup> FERNANDES. *A integração do negro na sociedade de classes*.

<sup>16</sup> FERNANDES. "Obstáculos extra-econômicos à industrialização"; "Existe uma crise de democracia no Brasil?"; "Atitudes e motivações desfavoráveis ao desenvolvimento"; "O Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais".

<sup>17</sup> FERNANDES. *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada*.

<sup>18</sup> FERNANDES. *A Sociologia Aplicada: seu campo, objeto e principais problemas*, p.108.

Florestan apontou a educação<sup>19</sup> como um campo privilegiado através do qual a Sociologia Aplicada poderia desenvolver projetos de pesquisa tendo em vista ajustar a nossa capacidade de intervenção e os nossos recursos às exigências da vida moderna. O autor vislumbrou na Sociologia Aplicada à Educação a possibilidade de intervir nos processos de “mudança cultural espontânea” transformando-os em “processos de mudança cultural provocada”, o que conferiria aos agentes humanos a possibilidade de escolher os fins alternativos e de pô-los em prática por meios que assegurassem um controle racional do desencadeamento e das principais fases do processo almejado.

Finalizando, gostaria de pontuar a participação de Florestan Fernandes nos movimentos de defesa da escola pública que marcaram o final da década de 50 e início da década de 60, e que envolveram o processo de tramitação do projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira que se estendeu de 1946 até 1961, ano em que foi sancionada pelo presidente da República.

Florestan, desde a década de 40, escrevia semanalmente na sessão “Homem e Sociedade” do *Jornal de São Paulo*, onde, com freqüência abordava temáticas relacionadas com a educação. Porém, é no conflito estabelecido entre

os interesses dos proprietários das escolas privadas, confessionais e leigas, e os defensores da escola pública que seu nome e seus artigos ganham popularidade.

Buffa<sup>20</sup> historiou o movimento em torno dos trâmites da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira e indicou que foi em novembro de 1956 que o conflito entre a escola particular e a escola pública ultrapassou o fórum de discussões do Congresso Nacional e se alastrou para a grande imprensa. Florestan envolveu-se publicamente com o conflito e assumiu posições em defesa do ensino público, leigo e gratuito entendendo que somente ele poderia preencher as funções educacionais construtivas do Brasil como Nação democrática. Em maio de 1960, durante a I Convenção Estadual de Defesa da Escola Pública, realizada em São Paulo, organizou-se, formalmente, a *Campanha de Defesa da Escola Pública* que mobilizou passeatas, palestras, debates públicos na cidade de São Paulo, estendeu-se para diferentes cidades do interior do Estado e conquistou adeptos em vários grupos e instituições. Florestan envolveu-se intensamente com a

<sup>19</sup> FERNANDES. A Ciência Aplicada e a Educação como fatores de mudança cultural provocada.

<sup>20</sup> BUFFA. *Ideologias em conflito: escola pública e escola privada*.

*Campanha*<sup>21</sup>, foi um líder incontestável a ponto de reconhecer que “os movimentos dos finais da década de 50 e início de 60 foram úteis em termos de sua relação com a sociedade brasileira, eu modifiquei a posição através da qual poderia observá-la, descrevê-la e interpretá-la”<sup>22</sup>.

Cardoso descreveu este período como

o momento em que nós todos esquecemos um pouco nossos aventais acadêmicos e nos lançamos a uma peregrinação por São Paulo para fazer uma campanha — a Campanha em Defesa da Escola Pública. Este Florestan foi seminal... porque mostrou que o acadêmico pode e deve, em certas circunstâncias, lançar-se a posições concretas de luta para melhorar as condições de vida do país<sup>23</sup>.

A questão que levanto para análise é: até que ponto todo o empenho de Florestan Fernandes rumo à constituição da Sociologia como uma disciplina científica e autônoma com objeto definido, principais problemas delimitados e metodologia de trabalho específica pode ser inserido e resgatado como uma contribuição para o campo da Sociologia da Educação? Considerando que a preocupação primeira de Florestan concentrava-se na construção da Sociologia, como podemos explicar o fato

de ele ter se envolvido frequentemente com temas de pesquisas, preocupações e práticas voltadas à problemática educacional?

Essas são algumas questões que nos levam a pensar na possibilidade de invocar sua obra como um acervo importante tanto no campo do estaqueamento da Sociologia como na Sociologia da Educação.

## II. A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO:

### A DIMENSÃO DA ÉPOCA

Julguei que o procedimento mais apropriado para desenvolver a relação entre a obra Sociológica de Florestan Fernandes e a Sociologia da Educação seria resgatar alguns textos das décadas de 50 e 60 que representaram uma tentativa de definir, a partir da perspectiva sociológica, a pesquisa em Educação.

Dentre o material existente, optei pela antologia organizada por Foracchi e Pereira<sup>24</sup>, que representou uma tentativa de reunir, no início dos anos sessenta, textos de diferentes autores que, por sua

<sup>21</sup> FERNANDES. A comunicação entre os sociólogos e o grande público, p.119-121.

<sup>22</sup> FERNANDES. Sobre o trabalho teórico, p.29.

<sup>23</sup> CARDOSO. A paixão pelo saber, p.25.

<sup>24</sup> FORACCHI; PEREIRA. *Educação e Sociedade: leituras de Sociologia da Educação*.

clareza e profundidade na abordagem de temas educacionais, pudessem ser utilizados por educadores e sociólogos tendo em vista focalizar "o processo educacional sob o ângulo de suas vinculações societárias — porquanto ele é apenas uma dimensão dos processos sociais globais"<sup>25</sup>.

Selecionei, da coletânea, três textos que objetivaram configurar os contornos da educação como objeto de estudo sociológico.

O primeiro deles foi um artigo de Antônio Cândido intitulado "Tendências no desenvolvimento da Sociologia da Educação"<sup>26</sup>, escrito em 1955 para ser apresentado no I Congresso Brasileiro de Sociologia. Nele o autor analisou o desenvolvimento dos estudos sociológicos sobre a educação, organizando-os em três linhas principais.

A primeira linha seria a filosófica-sociológica que se caracterizaria por uma "reflexão sobre o caráter social do processo educativo, seu significado como sistema de valores sociais, sua relação com as concepções e teorias do homem"<sup>27</sup>.

Esse seria o ponto de partida da obra sociológica de sociólogos e educadores preocupados em fundamentar, do ângulo social, uma teoria geral da educação, tal como Durkheim e Dewey. Para o autor, esse tipo de estudo teve o mérito de se constituir como fundamento de toda a

investigação relativa à função sociocultural dos valores e idéias educacionais, mas não esgotou o temário específico da Sociologia da Educação, pois transformou-a numa filosofia sociológica dos fatos educacionais.

A segunda linha seria a pedagógico-sociológica, que desenvolveu-se principalmente nos Estados Unidos, onde efetuou o estudo dos aspectos sociais da educação a fim de obter o bom funcionamento da escola. Com um intuito imediatamente pedagógico, a principal contribuição do sociólogo consistiu na análise das relações entre escola e meio social imediato. Segundo Cândido, essa tendência produziu uma pesquisa sociológica como componente da pedagogia e da administração escolar, para garantir a eficiência da instituição. Isso trouxe como consequência uma certa debilidade teórica nos trabalhos e a ausência da pesquisa científica, fazendo da Sociologia Educacional norte-americana, principalmente, um conjunto de manuais e compêndios.

A terceira linha seria a de orientação sociológica mais definida, na qual

<sup>25</sup> FORACCHI; PEREIRA. *Educação e Sociedade: leituras de Sociologia da Educação*, p.X.

<sup>26</sup> CÂNDIDO. Tendências no desenvolvimento da Sociologia da Educação.

<sup>27</sup> CÂNDIDO. Tendências no desenvolvimento da Sociologia da Educação, p.7.

sociólogos e educadores veriam na Sociologia Educacional um ramo da Sociologia e não da ciência da Educação. Cândido reconheceu que essa linha beneficiou-se da contribuição das linhas anteriores, a ponto de herdar, da tendência filosófica, a preocupação com a função social da educação, e da tendência pedagógica, a solução dos problemas práticos; mas ela avançou, procurando definir um sistema coerente de teorias elaboradas segundo as exigências do espírito sociológico. Segundo o autor, nessa perspectiva a Sociologia Educacional adquiriu um caráter científico, e os trabalhos passaram a ser encarados como Sociologia Aplicada e não como Teoria Educacional.

Cândido sugeriu que, naquele momento, o desenvolvimento da pesquisa deveria priorizar a “análise das situações de ensino” como fundamento da Sociologia da Educação, entendendo que a educação moderna, na medida em que se distingue dos processos gerais de socialização, funda-se no ensino centralizado na escola. Tratava-se, portanto, de determinar os critérios para se estudar a estrutura interna da escola e a posição que essa instituição ocupava na estrutura da sociedade. Desse modo, o autor acreditava que teríamos condições de desenvolver pesquisas sociológicas determinando, no processo educacional,

as situações específicas em que se envolviam os seus protagonistas. Ele considerava que a elaboração de instrumentos para análise da vida escolar não abarcaria todo o processo educativo, mas o seu eixo principal nas sociedades modernas. Esse eixo possibilitaria colocar o estudo da escola entre o estudo da educação como socialização, que o precede, e a função social, que o sucede.

O segundo texto que tomei para análise foi o de Wilbur B. Brookover, que tentou definir o campo da Sociologia da Educação e esquematizar as áreas de pesquisas desenvolvidas até aquele momento<sup>28</sup>. O autor definiu a Sociologia da Educação como “a análise científica dos processos e regularidades sociais inerentes ao sistema educacional”<sup>29</sup>, entendendo a educação como uma combinação de ações sociais e a sociologia como a análise da interação humana. Tal análise, na área da educação, poderia abranger tanto a educação formal que se realizava em grupos sociais, como a escola, como a multiplicidade de processos de comunicação informal que desempenhavam funções educativas. Na esquematização de “As áreas da Sociologia da Educação”<sup>30</sup>, ele sugeriu que

<sup>28</sup> BROOKOVER. *A Sociology of Education*.

<sup>29</sup> BROOKOVER. *A Sociology of Education*, p.19.

<sup>30</sup> BROOKOVER. *A Sociology of Education*, p.19.

a pesquisa sobre o sistema educacional restringiu-se à análise dos aspectos escolares, observando principalmente: a) a relação do sistema educacional com os outros aspectos da sociedade; b) as relações humanas na escola; c) a influência da escola no comportamento e na personalidade de seus membros, d) a relação da escola com a comunidade. O autor avaliou que seria necessário uma quantidade maior de pesquisas e uma ampliação de temáticas para que se pudesse estruturar, no interior da Sociologia, o campo da Sociologia da Educação.

O terceiro texto, de autoria de Florestan Fernandes, foi produzido em 1963, tendo em vista discutir "A Sociologia da Educação como Sociologia Especial"<sup>31</sup>. Nele, o autor descartou a existência das chamadas "Sociologias Especiais" tais como a Sociologia Econômica, Moral, Jurídica, da Educação, etc, considerando essa designação imprópria. Ele sugeriu que, tal como acontecia em qualquer ciência,

os métodos sociológicos podem ser aplicados à investigação e à explicação de qualquer fenômeno social particular, sem que, por isso, se deva admitir a existência de uma disciplina especial, com objeto e problemas próprios.<sup>32</sup>

Ele apontou que a tendência para as Sociologias Especiais teve razão de ser

no passado, quando pairavam dúvidas a respeito das questões essenciais relativas ao objeto da Sociologia, à natureza da explicação sociológica e às técnicas de investigação recomendáveis no estudo sociológico dos fenômenos sociais, mas que, naquele momento, a Sociologia já havia se estruturado e subdividia-se em várias disciplinas que estudavam "a ordem existente nas relações dos fenômenos sociais de diversos pontos de vista irredutíveis, mas complementares e convergentes"<sup>33</sup>.

Florestan concluiu sugerindo que as expressões Sociologia da Educação, do Conhecimento, do Trabalho, etc., conservavam um sentido figurado, atrelado ao objeto que elas que essas disciplinas privilegiavam na análise dos fenômenos sociais, mas que "a investigação de um fenômeno particular, com freqüência, envolve o recurso simultâneo às abordagens sociológicas fundamentais"<sup>34</sup>.

Sendo assim, a Sociologia da Educação nada mais seria do que a educação tomada como campo da análise sociológica.

<sup>31</sup> FERNANDES. A Sociologia da Educação como Sociologia Especial, p.6.

<sup>32</sup> FERNANDES. A Sociologia da Educação como Sociologia Especial, p.6.

<sup>33</sup> FERNANDES. A Sociologia da Educação como Sociologia Especial, p.6.

<sup>34</sup> FERNANDES. A Sociologia da Educação como Sociologia Especial, p.6.

### III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentei, neste ensaio, recuperar parte da produção sociológica de Florestan Fernandes que teria marcado as décadas de 40 a 60, bem como alguns textos, do mesmo período, que primaram pela definição e construção do campo da Sociologia da Educação, sugerindo a possibilidade de se estabelecerem correlações que articulem estes dois universos.

Inicialmente, analisei a produção sociológica de Florestan Fernandes pontuando trabalhos que, nas décadas de 40 a 60, conferiram-lhe reconhecimento acadêmico, contribuíram na construção do campo da Sociologia enquanto ciência empírica e observaram questões ligadas à temática educacional.

A seguir, selecionei alguns textos da coletânea *Educação e Sociedade*, encarando-a como uma tentativa de sistematizar, a partir da perspectiva sociológica, a constituição do campo da Sociologia da Educação, sob a ótica das questões latentes nos anos 50 e 60. Analisei três textos, tomando-os como perfiladores do pensamento sociológico da época que atentou para o campo da Sociologia da Educação. Se as conexões construídas estiverem corretas, entendo como possível evocar os trabalhos de Florestan Fernandes, no campo da

Sociologia, como contribuições que estaquearam também o campo da Sociologia da Educação. Ele observou, analisou e interpretou processos educativos como fenômenos sociais que ora presentificavam-se em situações informais que contribuíam nos movimentos de socialização, ora ocorriam nos espaços formais da escola gerando “situações de ensino”, ou seja, processos de instrução que ocorriam em um grupo social complexo, num dado contexto social.

Os trabalhos de Florestan ligados aos aspectos do folclore paulistano, à Sociedade Tupinambá, à Sociologia Aplicada e a sua participação na *Campanha em Defesa da Escola Pública* inserem-se no campo da construção da Teoria Sociológica e no empenho de fazer da Sociologia uma ciência autônoma, pois analisam, a partir de uma perspectiva rigorosa, os processos de interação humana nos diferentes níveis de organização da vida social. Eles podem, também, ser evocados no campo da Sociologia da Educação, na medida em que analisam, segundo certos critérios, as ações sociais produtoras de “processos e regularidades”, a construção do ser social no ser individual, as práticas de sociabilidade que cimentavam os grupos sociais, os processos sociais inclusivos. Daí o destaque e a atenção por ele conferida à educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTIDE, R.; FERNANDES, F. *Branços e negros em São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1971.
- BROOKOVER, W. B. *A Sociology of Education*. American Book, New York, 1955. Traduzido em FORACCHI, M. M.; PEREIRA, L. *Educação e Sociedade: leituras de Sociologia da Educação*. São Paulo: Nacional, 1963; 6. ed. 1973, p.19-21.
- BUFFA, E. *Ideologias em conflito: escola pública e escola privada*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- CÂNDIDO, A. Tendências no desenvolvimento da Sociologia da Educação. In: FORACCHI, M. M.; PEREIRA, L. *Educação e Sociedade: leituras de Sociologia da Educação*. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1973. p.7-18.
- CARDOSO, F. H. A paixão pelo saber. In: *Saber Militante. Ensaio sobre Florestan Fernandes*. São Paulo: Paz e Terra, EDUNESP, 1987, p.23-30.
- FERNANDES, F. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. São Paulo: Museu Paulista, 1952; 2. ed. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1970.
- FERNANDES, F. *A função social da guerra na sociedade Tupinambá*. São Paulo: Museu Paulista; 2. ed. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1970.
- FERNANDES, F. Obstáculos extra-econômicos à industrialização. Existe uma crise de democracia no Brasil? Atitudes e motivações desfavoráveis ao desenvolvimento. In: *Mudanças sociais no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960, p.?
- FERNANDES, F. Obstáculos extra-econômicos à industrialização. Existe uma crise de democracia no Brasil? Atitudes e motivações desfavoráveis ao desenvolvimento. In: *Mudanças sociais no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Difel, 1979, p.61-116, 315-356.
- FERNANDES, F. *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada*. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1960.
- FERNANDES, F. *Ensaio de Sociologia Geral e Aplicada*. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1971.
- FERNANDES, F. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Anhembi, 1961.
- FERNANDES, F. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- FERNANDES, F. *A organização social dos Tupinambá*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.
- FERNANDES, F. *A organização social dos Tupinambá*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 2. ed., São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.



- FERNANDES, F. A comunicação entre os sociólogos e o grande público. In: *A Sociologia numa era de revolução social*. São Paulo: Nacional, 1963. p.119-121.
- FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: F.F.C.L./USP, 1964.
- FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: F.F.C.L./USP; 2. ed. São Paulo: Dominus/EDUSP, 1965. V. 1 – 2.
- FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: F.F.C.L./USP; 3. ed. São Paulo: Ática, 1978. v. 1-2.
- FERNANDES, F. Notas sobre a educação na sociedade Tupinambá. O Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. In: *Educação e Sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus, 1966. p.144-201, 565-578.
- FERNANDES, F. O método de interpretação funcionalista na Sociologia. In: *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: Nacional, 1972. p.175-314.
- FERNANDES, F. Sobre o trabalho teórico. *Revista Transformação*, Assis, 1975, p.05-85.
- FERNANDES, F. A geração perdida. In: *Sociologia no Brasil*, Petrópolis: Vozes, 1977. p. 213-252.
- FORACCHI, M. M.; PEREIRA, L. *Educação e Sociedade: leituras de Sociologia da Educação*. São Paulo: Nacional, 1963.
- FORACCHI, M. M.; PEREIRA, L. *Educação e Sociedade: leituras de Sociologia da Educação*. São Paulo: Nacional, 6. ed., 1973.
- MAZZA, D. *A produção sociológica de Florestan Fernandes e a problemática educacional: uma leitura (1941-1964)*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Tese Doutorado em Ciências Sociais, 1997. 232f., Universidade Estadual de Campinas, Campinas.